

# UMA QUESTÃO DE ATAQUE SILÁBICO NAS PRIMEIRAS PALAVRAS

M. João Freitas  
DLGR. - FLUL

## I. Introdução

O tratamento da estrutura silábica no processo de aquisição do sistema fonológico de uma língua natural constitui um tópico de investigação recente, que se demonstrou ser relevante para o estudo do desenvolvimento da linguagem (FIKKERT, 94; LLÉO, 94; DEMUTH, 95b, entre outros).

Nesta comunicação, considerando a sílaba como uma unidade linguística hierarquicamente organizada, cujo estudo se revela produtivo para a descrição e para a interpretação do processo de desenvolvimento fonológico, apresentarei e discutirei, no âmbito de uma teoria da sílaba de 'Ataque - Rima', dados relativos ao preenchimento da posição silábica de Ataque, considerada na literatura como um indicador para a definição do Estádio I de desenvolvimento prosódico (FIKKERT, 94; DEMUTH, 95b).

Para este efeito, observarei dados retirados das primeiras produções de crianças cuja língua materna é o Português Europeu. O objetivo é o de descrever o comportamento fonético destas crianças na posição de Ataque silábico e o de testar, com base em propostas recentes sobre o comportamento universal das crianças no Estádio I de desenvolvimento prosódico, a eficácia de tal análise, quando aplicada aos dados do Português Europeu.

Em primeiro lugar, referirei os princípios teóricos que permitirão a discussão dos dados e farei referência a investigação anterior sobre o

assunto em análise. Em seguida, apresentarei dados retirados de primeiras produções no processo de aquisição do Português Europeu que nos permitem questionar as propostas anteriores. Finalmente, listarei problemas e enunciarei possíveis soluções.

## 2. O problema

O princípio de que a sílaba CV é universal constitui um lugar comum na literatura. A atribuição do estatuto de universalidade a esta estrutura silábica é frequentemente confirmada pela análise fonológica de várias línguas naturais (KENSTOWICZ, 94) e por investigação na área do desenvolvimento fonológico (JAKOBSON, 41/68; FIKKERT, 94; DEMUTH, 95b). O princípio referido prediz que o Ataque simples corresponde ao valor não marcado da posição de Ataque, na Gramática Universal.

Considerando que, no âmbito de uma Gramática de Princípios e Parâmetros:

1. CV representa a estrutura silábica universal;
2. os Ataques simples são governados pelo

(1) PARÂMETRO DO ATAQUE MÍNIMO: os ataques são obrigatórios?  
 (*Sim/Não*)  
 (Minimal Onset Parameter)

em que o valor não marcado é (*Sim*), definimos o suporte teórico que nos permite predizer, assumindo que o comportamento linguístico da criança é condicionado pela Gramática Universal, que a única estrutura silábica legítima nas primeiras produções lexicais é a sílaba CV e que o único Ataque possível assume a forma C. Com base nos instrumentos teóricos que acabámos de enunciar, podemos, ainda, predizer que uma sílaba-alvo com um Ataque vazio, ou seja, uma sílaba V, será produzida como uma sílaba CV.

Os dois instrumentos teóricos acima mencionados (1. e 2.) fornecem as bases para a definição de um Estádio I no desenvolvimento prosódico da criança, tanto em FIKKERT (94) como em DEMUTH (95b): neste estágio, Ataques simples são obrigatórios na única estrutura legitimada pelo PARÂMETRO DO ATAQUE MÍNIMO, i. e., a sílaba universal CV.

No entanto, existem dados do Português Europeu que revelam a possibilidade de ocorrência de Ataques vazios nas primeiras produções lexicais das crianças, o que contradiz as predições iniciais. Poderá este comportamento ser interpretado como uma ruptura do padrão universal ou será que a estrutura silábica não marcada não é a sílaba CV?

O problema a discutir nesta comunicação é o seguinte:

– Considerando que a sílaba CV constitui o padrão universal, esperando-se, portanto, ser esta a única estrutura silábica representada nas primeiras produções, como interpretar a existência de Ataques vazios nas primeiras palavras das crianças portuguesas?

### 3. Metodologia

Os dados utilizados foram retirados de um *corpus* mais vasto, base de um projecto de trabalho sobre a aquisição da estrutura silábica em Português Europeu.

Foram acompanhadas, durante 1 ano, 7 crianças com idades compreendidas entre os 0.10 e os 3.7. O registo audio e video (Sony Handycam AF HI-FI Stereo) foi feito em casa de cada uma das crianças, em sessões mensais cuja duração oscila entre os 30 e os 60 minutos. A situação de recolha é espontânea, não estruturada, portanto, utilizando-se, para o efeito, os objectos e as situações mais frequentes do quotidiano da criança (brinquedos, livros, situações de interacção habituais entre o adulto e a criança, refeições, banho).

Para a transcrição dos dados, foi utilizado o material audio do Laboratório de Línguas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Para o armazenamento dos dados transcritos foneticamente, foi utilizado o programa CHILDPHON WORDBASE para sistema Macintosh, desenvolvido no Max Planck Institut for Psycholinguistics, Nijmegen e utilizado pela primeira vez em FIKKERT (94) e em LEVELT (94). Nesta comunicação, são apresentados dados de 3 das 7 crianças, com idades entre os 0.10 e os 1.7.

O material linguístico seleccionado contém produções de palavras com sílabas-alvo em posição inicial e em posição medial de palavra cujo Ataque é vazio e sílabas-alvo em posição inicial e em posição medial de palavra cujo Ataque simples se encontra preenchido.

## 4. Os dados: análise e discussão

### 4.1. Ataques simples e Ataques vazios

Para a análise em curso, são consideradas 4 posições estruturais relativamente à posição de Ataque no esqueleto:

- |     |   |                    |
|-----|---|--------------------|
| (2) | 1. Ataque simples em posição inicial de palavra | <b>(Ataque-i)</b>  |
|     | 2. Ataque simples em posição medial de palavra  | <b>(Ataque-m)</b>  |
|     | 3. Ataque vazio em posição inicial de palavra   | <b>(AtaqueØ-i)</b> |
|     | 4. Ataque vazio em posição medial de palavra    | <b>(AtaqueØ-m)</b> |

Considerem-se, assim, as seguintes produções:

(3)

#### I. JOÃO

##### Ataque-i

está	[ˈta]	->	[ˈta]	(0;10)
tia	[ˈtia]	->	[ˈdi]	(1;3)
sapato	[səˈpatu]	->	[ˈpa]	(1;7)

##### Ataque-m

água	[ˈagwa]	->	[ˈaβa]	(0;11)
papá	[pəˈpa]	->	[pəˈpa]	(1;3)
aqui	[ˈaki]	->	[ˈdi]	(1;6)

##### AtaqueØ-i

água	[ˈagwa]	->	[aːgə]	(0;11)
olá	[ɔˈla]	->	[aəˈa]	(1;2)
aqui	[ˈaki]	->	[ˈdi]	(1;6)

##### AtaqueØ-m

gatinho	[gəˈtiɲu]	->	[ˈdi:ə]	(1;3)
papa	[ˈpapa]	->	[ˈpa]	(1;4)
água	[ˈagwa]	->	[ˈaːa]	(0;11)

## II. INÊS

## Ataque-i

quer	['kɛr]	->	['kɛ]	(0;11)
cão	['kãw]	->	['ka]	(1;1)
põe	['põj]	->	['po]	(1;4)

## Ataque-m

papá	[pɔ'pa]	->	['papɔ]	(0;11)
Inês	[i'neʃ]	->	['ini]	(1;1)
papa	['papɔ]	->	['papɔ]	(1;4)

## AtaqueØ-i

água	['agwa]	->	['a:]	(1;1)
Inês	[i'neʃ]	->	['ini]	(1;1)
aqui	[ɔ'ki]	->	['ɔti]	(1;5)

## AtaqueØ-m

Fernanda	[fɛr'nɔdɔ]	->	['iã]	(0;11)
água	['agwa]	->	['a:ɔ]	(1;5)
João	[ʒu'ɔw]	->	['e'ɔ]	(1;5)

## III. MARTA

## Ataque-i

dá	['da]	->	['da]	(1;2)
gato	['gatu]	->	['ga]	(1;2)
bebé	[bɛ'bɛ]	->	['bɔ'bɛ]	(1;3)

## Ataque-m

sapato	[sɔ'patu]	->	['patu]	(1;2)
menino	[mɛ'ninu]	->	['munu]	(1;3)
anda	['ãdɔ]	->	['ɔnɔ]	(1;2)

## AtaqueØ-i

olha	['ɔlɔ]	->	['ɔlɔ]	(1;2)
anda	['ãdɔ]	->	['ɔnɔ]	(1;2)
tio	['tiu]	->	['iu]	(1;3)

## AtaqueØ-m

nariz	[nɔ'rif]	->	['ni]	(1;3)
caracol	[kara'kɔl]	->	['tɔɔ]	(1;3)
tio	['tiu]	->	['iu]	(1;3)

Não serão discutidas questões de distribuição do material segmental, embora seja curioso referir que se verificam comportamentos segmentais distintos em Ataque inicial e em Ataque medial, o que aponta para assimetrias no funcionamento desta posição silábica de acordo com a sua distribuição na palavra: em Ataque inicial, apenas ocorrem oclusivas orais e nasais; em Ataque medial, registam-se, também, ocorrências de líquidas e de semivogais. Note-se que, quando uma semivogal substitui uma consoante:

(4)				
	'olá'	[ɔ'la]	->	[ɔ'ja] (João: 1.0)
	'olha'	[ɔ'λɔ]	->	[ɔ'jɔ] (Marta: 1.2)

é possível considerar que esta semivogal ocupa a posição de Ataque atribuída à consoante na sílaba-alvo. A análise para o Português Europeu é a de que uma vogal inserida para resolver uma situação de hiato é AMBISSILÁBICA, ou seja, está associada ao núcleo da sílaba anterior e, simultaneamente, preenche o Ataque da sílaba seguinte. Esta análise é igualmente válida para estruturas fonológicas do tipo VGV (MATEUS, 94: 56-57).

Considerando que:

1. a sílaba CV é, fonológica (ANDRADE & VIANA, 93) e foneticamente, a estrutura silábica mais frequente no Português Europeu (52.8%) e que a sílaba V é muito menos frequente (7.4%) (VIGÁRIO & FALÉ, 93);

2. os Ataques vazios são muito menos frequentes (11.4%) do que os Ataques simples (78.6%) (VIGÁRIO & FALÉ, 93);

esperar-se-ia que as primeiras palavras das crianças portuguesas seguissem o padrão universal CV, sendo o seu comportamento silábico regido pelo valor não marcado do PARÂMETRO DO ATAQUE MÍNIMO (Ataques simples são obrigatórios), já que a maior parte das sílabas-alvo das crianças apresentam Ataques simples. E se pensarmos em termos de processos de RESSILABIFICAÇÃO, tanto dentro de como entre fronteiras de palavra, o apagamento de vogal é um fenómeno frequente em Português Europeu (DELGADO-MARTINS, 94), o que acentua a

complexidade dos encontros consonânticos. Tal facto poderia conduzir as crianças a um comportamento verbal em que se privilegiasse a manipulação de consoantes e não a de vogais.

No entanto, tal não se verifica:

a) o João produz várias palavras com Ataques vazios em posição inicial e em posição medial de palavra; Ataques vazios nas sílabas-alvo não são preenchidos por material segmental; registam-se ocorrências de uma consoante em Ataque simples, em posição medial de palavra, substituída por uma vogal, o que altera a estrutura silábica da palavra por adição de uma sílaba V:

(5)

olá      [ɔ'la]                      ->      [aə'a]                      (João: 1;2)

b) a Inês revela um comportamento semelhante, embora Ataques vazios em posição medial de palavra sejam menos frequentes do que Ataques vazios em início de palavra;

c) a Marta produz frequentemente Ataques vazios em início de palavra, o mesmo não sucedendo em posição medial.

FIKKERT (94) propõe 3 estádios de desenvolvimento prosódico a partir da observação do comportamento das crianças holandesas relativamente à posição silábica de Ataque simples no processo de aquisição do Holandês:

- (6) 'STAGE I: simple plosive onsets are obligatory  
STAGE II: empty onsets are allowed  
STAGE III: other types of onsets are allowed'

De acordo com a autora (FIKKERT, 94: 68), o Estádio I é universal; nos seguintes estádios, a criança está a aprender aspectos específicos do funcionamento da estrutura silábica da língua a ser adquirida. No Estádio I, as crianças holandesas preenchem um Ataque vazio de uma sílaba-alvo com uma oclusiva de modo a manterem o padrão universal CV.

Tendo em consideração o comportamento fonológico das crianças portuguesas acima mencionado, será possível afirmar que elas se encontram no mesmo Estádio I de desenvolvimento das crianças holandesas?

a) a resposta é SIM se se considerar que elas apenas produzem oclusivas (orais e nasais) em posição de Ataque silábico inicial;

b) a resposta é NÃO se se considerar que elas produzem sílabas com Ataques vazios tanto em sílabas iniciais como em sílabas mediais e que não preenchem com oclusivas, ou com qualquer outro material segmental, Ataques vazios de sílabas-alvo.

De acordo com os dados apresentados, é possível adoptar uma de duas posições:

1. o Estádio I é o mesmo para ambas as populações dado que, na maior parte dos casos, os Ataques são preenchidos por oclusivas. Mas, neste caso, porque é que as crianças portuguesas revelam um comportamento diferente se tanto o Holandês como o Português permitem Ataques vazios?

2. as crianças portuguesas encontram-se já no Estádio II, o qual legitima Ataques vazios. Mas, então, por que razão as crianças portuguesas evitam o Estádio I?

O problema mantém-se quando consideramos a escala de desenvolvimento prosódico apresentada em DEMUTH (95b): apesar de os estádios de desenvolvimento estipulados pela autora não terem na base exclusivamente questões de natureza silábica mas de desenvolvimento prosódico ao nível da palavra, só no Estádio II é possível encontrar Ataques vazios: de acordo com a autora, '*Stage I is a sub-minimal-word stage*' (p. 2), no qual apenas estruturas do tipo CV são permitidas.

#### 4.2 Inserção de vogal em posição inicial de palavra

No conjunto de produções com Ataques vazios em sílabas iniciais, um caso específico revela um comportamento particular: em algumas produções, verifica-se a inserção de uma vogal em posição inicial de palavra, o que gera a produção de uma sílaba de Ataque



vazio numa posição em que não existe sílaba na palavra-alvo. Consultem-se, para o efeito, os seguintes exemplos:

(7)

**I. JOÃO**

mamã	[mã'mã]	->	[ma]/[ã'ma]	(0;11) (1;5)
pato	['patu]	->	[ta]/[ã'ta]	(0;11)
Pedro	['pedru]	->	[ði]/[ã'ði]	(1;1)
papa	['papa]	->	[pa]/[ã'pa]	(1;3)
			[ã'pa]	(1;3)

**II. INÊS**

mamã	[mã'mã]	->	[mã'mã]/[ãmã'mã]	(1;0)
Isabel	[izã'bɛʃ]	->	[bɛ]/[ã'bɛ]	(1;1)
Bambi	['bãbi]	->	[bi'bi]/[ã'bi'bi]	(1;3)
Bambi	['bõbi]	->	[ba]/[ã'ba]	(1;4)
Inês	[i'neʃ]	->	[ne'ne]/[ã'ne'ne]	(1;3)
pão	['pãw]	->	[pa]/[ã'pa]	(1;5)

**III. MARTA**

cão	['kãw]	->	[kãu]/[ã'kãw]	(1;2)
piupiu	[piw'piw]	->	[pã'pi]/[ã'pi'pi]	(1;2)
banana	[bã'nãna]	->	[mã:na]/[ã'mãno]	(1;4)
mão	['mãw]	->	[ã'mãw]	(1;3)
chão	['ʃãw]	->	[ã'ʃãw]	(1;3)

Considerando que, em Português Europeu, a posição sintáctica de Determinante pode ser preenchida por uma vogal ((<a>, <o>) = ([a], [u])), a hipótese inicial foi a de considerar a inserção desta vogal inicial como um indicador fonético precoce daquela posição sintáctica. Neste caso, a vogal apenas deveria ser inserida quando associada a um Nome. No entanto, tal não se verifica: nos dados da Inês, o mesmo comportamento fonético ocorre associado a um Verbo e associado a um Advérbio:

(8)

**INÊS**

não	['nãw]	->	[na]/[ã'na]	(1;1) (1;3) (1;5)
dá	['da]	->	[da]/[ã'da]	(1;1)
dá	['da]	->	[da:]/[ã'da]	(1;4)
quer	['kɛr]	->	[ke]/[ã'ke]	(1;5)
			[ã'ke]	(1;5)
			[ã'ke]	(1;5)

Deste modo, constatamos a existência de uma estratégia de inserção de vogal em posição inicial de palavra que não obedece ao valor não marcado do PARÂMETRO DO ATAQUE MÍNIMO: os ataques são obrigatórios.

### 5. Comentários finais

Considerando que, no Estádio I, o comportamento verbal das crianças demonstra que a fixação do valor não marcado do PARÂMETRO DO ATAQUE MÍNIMO está em curso, facto que parece ser verdadeiro tanto no Holandês como no Português Europeu (as crianças apenas usam Ataques não ramificados), de que modo se poderá explicar a ocorrência, em simultâneo, de Ataques vazios e de Ataques simples? Será possível considerar que o valor não marcado do PARÂMETRO DO ATAQUE MÍNIMO:

PARÂMETRO DO ATAQUE MÍNIMO: os ataques são obrigatórios?  
(Sim/Não)

é o valor sublinhado (*NÃO*)? (consulte-se HYAMS (86) e (89) para proposta semelhante relativamente ao valor não marcado do PARÂMETRO DO SUJEITO NULO e FARIA (93) para dados sobre esta questão relativos à aquisição do Português Europeu).

A aceitarmos a proposta anterior, teríamos de afirmar que a estrutura silábica universal, não marcada, não seria CV mas V. Evoque-se, para este efeito, McCARTHY & PRINCE (86) e (95), que consideram que a sílaba universal é a sílaba mínima e que a estrutura silábica não marcada em línguas que admitem Ataque vazio é V. Esta parece ser uma explicação natural quando nos enquadrámos teoricamente numa perspectiva, a de uma teoria da sílaba de 'Ataque-Rima', que considera o Núcleo (uma vogal, na maior parte das línguas naturais) como o constituinte silábico central (pense-se, a título exemplificativo, no PRINCÍPIO DE SONORIDADE (SELKIRK, 84), que se aplica a partir do Núcleo, em direcção às margens esquerda e direita da sílaba).

Outra explicação possível para os dados relativos ao Português aqui expostos é, como já referi anteriormente, a de considerar que as crianças portuguesas, não apresentando evidências para a localização

temporal do Estádio I no seu processo de desenvolvimento fonológico, produzem as primeiras palavras no Estádio II, no qual Ataques vazios são legítimos (FIKKERT, 94). A aceitarmos esta proposta, teremos de postular que, no momento em que as crianças portuguesas produzem as primeiras palavras, já sabem, exclusivamente a partir do *input*, que o sistema fonológico-alvo permite Ataques vazios. Assim, as crianças portuguesas apenas apresentarão evidência fonética para a fixação do valor marcado do PARÂMETRO DO ATAQUE MÍNIMO. No entanto, a razão pela qual as crianças portuguesas e as crianças holandesas apresentam comportamentos verbais dissemelhantes, estando, em ambos os casos, em contacto com línguas de Ataque vazio, é desconhecida.

Considerando, agora, o caso da inserção de vogal em posição inicial de palavra, anteriormente referido, e rejeitando, com o argumento já exposto, a hipótese inicial que interpretava esta vogal como um indicador fonético da posição sintáctica de Determinante, podemos explicar a inserção desta vogal inicial como o resultado de um percurso de desenvolvimento silábico que parte de palavras monossilábicas para chegar a palavras dissilábicas. McCARTHY & PRINCE (95: 321-322) referem, a propósito da constituência prosódica da palavra mínima ('minimal word') em línguas não sensíveis à quantidade, como o Português Europeu, que em sistemas desta natureza '*all syllables are presumptively monomoraic, and so the minimal word is disyllabic*' (p. 322). Uma vez mais, a questão mantém-se: porque usam, neste caso, as crianças portuguesas, uma estratégia de inserção silábica de padrão V e não CV?

Pretendemos, com este trabalho, avaliar a eficácia do estágio inicial de desenvolvimento prosódico proposto na literatura sobre o assunto, remetendo para especificidades do comportamento verbal das crianças portuguesas relativamente a outras produções verbais descritas para outras línguas naturais. Deste modo, alertámos para a necessidade de redefinição do Estádio I nas escalas de desenvolvimento prosódico, no sentido de estas permitirem a descrição dos comportamentos verbais das crianças em observação.

## Notas

<sup>1</sup> Esta comunicação foi apresentada na 'UBC International Conference on Phonological Acquisition' (Vancouver, 27-29 de Junho de 1995).

- <sup>2</sup> A recolha dos dados foi feita no âmbito do Projecto PCSH/C/LIN/524/93, financiado pela JNICT e a decorrer no Laboratório de Psicolinguística da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- <sup>3</sup> O trabalho de investigação aqui apresentado integra-se no projecto de doutoramento apresentado pela autora à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

## Referências

- ANDRADE, E. & M.C. VIANA, (1993). 'Sinérese, diérese e estrutura silábica'. *Actas do IX Encontro Nacional da APL*. Lisboa: APL.
- CLEMENTS, G.N. (1990). 'The role of sonority cycle in core syllabification'. *Papers in laboratory phonology I*. Cambridge: CUP.
- DELGADO-MARTINS, R. (1994) 'Relação fonética/fonologia: a propósito do sistema vocálico do Português'. Comunicação apresentada ao CIP, Lisboa, Abril de 1994 (no prelo).
- DEMUTH, C. (1995a). 'The prosodic structure of early words'. J. Morgan & C. Demuth (eds). *From signal to syntax: Bootstrapping from speech to grammar in early acquisition*. Hillsdale: LEA.
- DEMUTH, C. (1995b). 'Markedness and the development of prosodic structure'. *NELS* 25, 1995 (no prelo).
- FAINGOLD, E. (1990). 'The acquisition of syllabic and word structure: individual differences and universal constraints'. *Language Sciences* 12, nº1: 101-113.
- FARIA, I. (1993) 'Aquisição da noção de "agente" e a produção de sujeitos sintácticos por crianças portuguesas até aos dois anos e meio'. *RILP* 10: 16-50.
- FIKKERT, P. (1994). *On the acquisition of prosodic structure*. Leiden: HIL.
- GOLDSMITH, J. (1990). *Autosegmental and metrical phonology*. Cambridge: Blackwell.
- HERNANDORENA, C. (1990). *Aquisição da fonologia do Português*. PhD Dissertation. Porto Alegre: PUCRS.
- HYAMS, N. (1986) *Language acquisition and the theory of parameters*. Dordrecht: Reidel Pub. Company.
- HYAMS, N. (1989) 'The null subject parameter in language acquisition'. In O.Jacggli & K. Safir (eds). *The null subject parameter*. Dordrecht: Kluwer.
- INGRAM, D. (1989). *First language acquisition*. Cambridge: CUP.
- JAKOBSON, R. (1941/68). *Child language, aphasia and phonological universals*. The Hague: Mouton.
- KENSTOWICZ, M. (1994). *Phonology in generative grammar*. Cambridge: Blackwell.
- LEVELT, C. (1994). *The acquisition of Place*. Leiden: HIL.

- LLÉO, C (1994) 'Syllable structure parameters and the acquisition of affricates'. Comunicação apresentada ao 'First Lisbon Meeting on Child Language', Lisboa, 1994.
- MATEUS, M.H. (1993): 'Ataque de sílaba em Português e ditongos crescentes'. *Actas do workshop sobre fonologia*. Lisboa: APL.
- MATEUS, M.H. (1994). 'Syllable structure in Portuguese'. ms. Univ. of Lisboa.
- MCCARTHY, J. & A. PRINCE (1986). 'Prosodic Morphology'. ms. Univ. of Massachusetts, Amherst & Brandeis Univ.
- MCCARTHY, J. & A. PRINCE (1993). 'Prosodic Morphology I: Constraint interaction and satisfaction'. ms. Univ. of Massachusetts, Amherst & Rutgers Univ.
- MCCARTHY, J. & A. PRINCE (1995). 'Prosodic Morphology'. J. Goldsmith (ed). *The Handbook of Phonological Theory*. Cambridge: Blackwell, 1995.
- VIGÁRIO, M. & I. FALÉ (1993) 'A sílaba no Português Fundamental: uma descrição e algumas considerações de ordem teórica'. *Actas do IX Encontro Nacional da APL*. Lisboa: APL.